
**A FUNÇÃO DO PAI NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO
CONTEMPORÂNEO: REFLETINDO SOBRE A ATUALIDADE DAS TEORIAS DE
FREUD E WINNICOTT ACERCA DO TEMA.**

Elias Gattás Neto* (Departamento de Psicologia; Universidade de Marília - UNIMAR; Marília-SP; Brasil.) Neuci Leme de Camargo (Departamento de Psicologia; Universidade de Marília - UNIMAR; Marília-SP; Brasil.)

contato: tilicosilva@yahoo.com.br

Palavras-chave: Constituição Psíquica. Função Paterna. Psicanálise.

Introdução

Considerando-se uma série de mudanças que teve início principalmente a partir da segunda metade do século XX em que se assistiu ao processo de declínio do patriarcado e o surgimento de novas configurações da estrutura familiar que colocou em xeque as estruturas entendidas como estáveis, assim como o tradicional lugar ocupado pelo pai no meio familiar, este artigo propõe-se refletir sobre o papel do pai no mundo contemporâneo questionando-se se a paternidade está em crise.

Delimita-se, assim, neste artigo, que a função paterna será entendida como um encontro com a alteridade, como concebido por José Maurício da Silva (2007, p.02), ou seja, a noção de que alguém assume o papel através do qual se efetuará um ato social introduzindo a criança na cultura e o configura simbolicamente e não à ideia da função paterna atrelada a figura do pai biológico.

Procura-se realizar, com este texto, uma breve análise a respeito da função paterna na tradição psicanalítica, assim como sublinhar os limites teóricos dessa ideia e as suas possibilidades para refletir a respeito do papel do pai na constituição psíquica do sujeito contemporâneo.

Para tanto, discorrer-se-á sobre a temática apresentando a noção do complexo de Édipo em Freud a partir dos fundamentos compreendidos em algumas de suas obras e de seus comentaristas, assim como as concepções de Winnicott acerca do papel do pai no desenvolvimento do indivíduo. Por fim, discutir-se-á sobre a possibilidade de refletir a respeito da função paterna no contexto familiar que se apresenta na atualidade.

Objetivos

Este trabalho tem por objetivo compreender a atualidade tanto da função paterna proposta por Sigmund Freud e por Donald Woods Winnicott. Tendo por base que o momento histórico em que ambos realizaram os estudos possuem em si uma perspectiva própria do seu tempo, este trabalho procurou estabelecer um paralelo com os estudos acerca do constructo familiar e da função paterna na contemporaneidade para que pudesse delinear quais as possibilidades que a utilização de ambos é possível para a compreensão da paternidade que auxilia no desenvolvimento do sujeito.

Métodos

Diante de uma pesquisa bibliográfica, este trabalho procurou compreender a função paterna tanto por Freud quanto por Winnicott, utilizando-se também de autores que realizam estudos destes psicanalistas. Também prestou-se a realizar uma pesquisa acerca do constructo da família e da função paterna na contemporaneidade, tanto na psicanálise quanto nas Ciências Sociais. Estabelecendo um breve comparativo das teorias psicanalíticas com os estudos antropológicos e sociológicos da atualidade, procurou-se compreender como as teorias psicanalíticas propostas podem dialogar com estudos antropológicos e sociológicos da atualidade acerca da função paterna. Tal estudo, portanto, pautou-se numa pesquisa teórica que, segundo Pedro Demo (2000), procura reconstruir teorias, ideias e conceitos, tendo em vista aprimorar fundamentos teóricos possibilitando condições explicativas da realidade e debates oportunos.

Resultados

A escrita freudiana é dada num momento em que a sociedade é patriarcal (início do século XX) e seu foco está na participação do Complexo de Édipo (fase fálica). Já Winnicott estabelece a função paterna desde o início da vida do sujeito, como um auxiliar que acompanha desde o nascimento que afirma a relação mãe-bebê até o desenrolar do Complexo de Édipo.

Uniu-se estudos antropológicos que compreendem que a função paterna é um ato social que independe do gênero. Assim, observou-se que os estudos psicanalíticos, apesar de se respeitar o contexto de em que eles se deram, são fortes aliados para poder entender a diversidade familiar que se estabelece na contemporaneidade.

Discussão

1 – O pai em Freud: da horda primeva à formulação do complexo de Édipo

Quando se pensa acerca do pai na obra de Freud, há que se considerar que este autor viveu num contexto histórico dominado pela força do pai dentro do núcleo familiar. Nesse sentido, pode-se afirmar que havia uma correspondência entre os meios de subjetivação e a ação concreta e representacional do pai. Para Silva (2007, p. 13), falar em figura paterna nesse cenário é mais simples porque há um poder concreto do pai dentro do meio familiar, facilitando a assimilação da função paterna, pois “*o pai visível é uma realidade simbólica, real e imaginária*”.

A fim de compreender e sustentar a sua hipótese sobre a função paterna, Freud analisa, em seus estudos e em suas experiências pessoal e clínica, como se dá a aproximação da criança, em termos psíquicos, das figuras parentais e de que maneira tal evento se organiza. Grosso modo, Freud propõe que será no Complexo de Édipo que o infante iniciará o estabelecimento de introjeções acerca dos objetos que o cercam, estabelecendo assim, o seu primeiro contato social, ou onde serão estabelecidas as primeiras relações sociais do sujeito.

É a partir dos estudos da horda primeva que Freud traça paralelos para constituir a ideia de que, inicialmente, o homem é um inimigo diante da figura paterna. O pai deve ser eliminado a fim de que haja um substituto imediato. Porém, a partir dessa ideia, observa-se a transformação da horda: “*o pai que antes representava um obstáculo ao anseio de poder e aos desejos sexuais*” (FREUD, 1913/2006, p. 144-157) torna-se então motivo de afeto entre os membros, tendo a sua imagem deslocada para um animal que o representaria, o animal totêmico.

Assim, essa figura que antes era devorada como forma de banir do grupo aquele que comandava e impedia a realização dos desejos dos seus membros, passa a ser uma figura introjetada, dada as identificações que se estabeleceram a partir da figura do pai da horda,

produzindo assim, com sua eliminação (ou com a proibição da morte do animal totêmico), o sentimento de remorso para que não fosse eliminado tanto a figura do pai em si como a figura recalcada do pai. (FREUD, 1913/2006, p. 146-147).

À vista disso, pode-se entender que Freud (FREUD, 1913/2006, p. 147) atribui à inevitabilidade da presença do pai a sobrevivência da horda, ou seja, manter o pai vivo e evitar a prática do incesto. Assim sendo, Freud elucida a ideia de que a horda primeva constroi a importância de se manter os laços afetivos com a figura paterna e ao mesmo tempo em que afasta a necessidade da relação sexual dos filhos com as mulheres do bando.

Dada a construção do reconhecimento da figura paterna de um homem primitivo, a constituição social da figura do pai passará em torno da figura detentora do poder que, de eliminado, passa a ser temido e respeitado, Base essa que torna-se um marco antropológico na construção teórica do Complexo de Édipo.

Para tanto, partindo da noção do Complexo de Édipo elaborada por Freud, apresentar-se-á uma breve compreensão a respeito deste evento psíquico para entender a ideia de como a figura do pai participa do fenômeno edípico e alicerça as bases para a sua construção. O complexo de Édipo, linhas gerais, é uma experiência emocional que acontece na fase fálica e se expressa pela ambivalência de amor e ódio que a criança expressa pelos pais. Nas palavras de Freud (1910/2006, p.154), *“ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo.”*

Desta maneira, estamos diante de uma série de relacionamentos que, segundo Freud, seria responsável pela formação da organização sexual da criança, tendo em vista que, a partir do período edípico, marcado pela fase fálica, inaugura a necessidade da presença da figura paterna: aquele por quem permeará o ódio e o amor para a construção de vínculos simbólicos com a figura materna. Assim, a criança, entre seus quatro e cinco anos, passa a viver uma experiência emocional que formará as bases da personalidade do sujeito.

Sendo assim, a identificação que ocorre com as figuras objetais tornar-se-á um pilar para que Freud compreenda o elemento paterno na tríade edípica. Na obra *Psicologia de grupo e análise do Ego (1921)*, Freud dá voz para essa identificação promovida pela figura paterna. É o pai, na tríade edípica, que é desejado e indesejado ao mesmo tempo. Desejado porque há uma

identificação com ele. Indesejado porque esta figura é quem impede o acesso da criança ao seu objeto de desejo que é a mãe. *Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. Este comportamento nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai (ou aos indivíduos do sexo masculino em geral); pelo contrário, é tipicamente masculina.* (FREUD, 1921/2006, p. 115)

Eduardo Salas (1991, p.15), esclarece que a identificação a qual se refere Freud, é estabelecida em quatro características, denominadas de posições, sendo elas: modelo pelo pai ser quem e como o menino gostaria de ser na posição edípica; objeto, por ser a figura a quem caberá a rivalidade e posteriormente a identificação; auxiliar tendo em vista que se trata de uma figura que de alguma forma colabora com a manutenção das relações objetais que ali se mantem; adversário, por manter consigo o objeto tão desejado pela criança.

Podemos agora conceber a ideia de que Sigmund Freud estabeleceria a posição da figura paterna das seguintes formas: num primeiro momento, observando a figura do pai como o grande rival (parricídio) da horda primeva, que por meio de sua relação afetiva torna-se necessário e introjetado como uma figura de poder. O pai da horda primeva é a figura que justifica a sua participação no complexo de Édipo, pessoa responsável por ser o modelo de identificação do sujeito. Este, por sua vez, é estabelecido por Freud durante a fase fálica, quando se desenrola os conflitos edípicos.

Se em Freud o papel do pai está circunscrito ao evento edípico, em Winnicott tem-se a ampliação da participação paterna no desenvolvimento do sujeito a contar do seu nascimento. Para a compreensão da teoria deste autor, desenvolve-se, a seguir, a concepção winnicottiana de desenvolvimento do indivíduo considerando a função paterna como eixo norteador desta discussão.

2- A função de pai em Winnicott

Donald Woods Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista inglês, ao conceber a ideia do papel do pai em sua obra, mais especificamente a ideia de função paterna, torna-a elemento fundamental na organização e elaboração do complexo de Édipo.

Embora a teoria de Freud seja o ponto de referência para a estruturação teórica de Winnicott acerca da função do pai, o autor, ao revisita-la, a aprimora para os seus propósitos específicos. Se em Freud a figura paterna é fundamental para a ruptura exclusiva do Complexo de Édipo, como atuante em seu cerne no período fálico e de latência, Winnicott acaba por estender tal papel para todo o desenvolvimento da criança.

A ideia central que permeia os estudos de Winnicott, segundo Rosa Dias (2009), compreende que o que cabe a formação de sujeito está no convívio de todos aqueles que estão ao seu redor desde o nascimento, ou seja, vai além do desenvolvimento sexual e passaria então a realizar observações acerca do ambiente, denominado de *amadurecimento emocional* (DIAS, 2009).

A ideia de o sujeito/bebê necessitar habitar um ambiente (sendo este a família) dá a dimensão da concepção winnicottiana do desenvolvimento da saúde mental do indivíduo humano. Winnicott em seu livro “A família e o desenvolvimento individual” (1993), apresenta a ideia de que a relação da mãe com o bebê se dá numa dupla dependência. Este processo rumo em direção à independência. Para tanto, a progressão dependência para a independência calca-se na efetividade da adaptação muito sensível da mãe às necessidades da criança. O que se faz necessário destacar é que a atuação dá-se por ambos os pais, mas a real situação é indicada a partir das necessidades *do colo da mãe* (1993, pp. 130-131). Dessa forma, entende-se que a teoria Winnicottiana é baseada no ambiente formador de um sujeito em busca de sua maturidade, esta entendida pelo autor como sinônimo de saúde.

Winnicott, segundo Dias (2009), destaca que o processo de amadurecimento é marcado por três momentos importantes: o momento da *dependência absoluta* (*nascimento aos 6 meses, aproximadamente*), em que a relação mãe-bebê forma uma unidade; o período da *dependência relativa* (*dos 6 meses aos 2 anos*) onde há o rompimento da relação mãe-bebê dando abertura para o constructo de uma identidade pessoal e unitária formam o período que Winnicott denomina de *fase de pré-concernimento* (*Aproximadamente do nascimento aos 2 anos de idade*). A *fase do concernimento* (*dos 2 aos 4 anos de idade*) marca a não dependência total do bebê a figura materna e já percebe que se estabelece novas relações sociais, em que outras figuras familiares ganham espaço no constructo do desenvolvimento da criança e o *período edípico* fase

esta em que a criança tem já sua identidade unitária e toda a relação edípica que se dá entre a criança e as figuras objetais são semelhantes a divisão proposta por Freud.

Na fase do pré-concernimento, Winnicott (2014) defende que a figura paterna possa substituir a figura materna na relação quando este acredita que suas atividades ante a relação mãe-bebê são mais efetivas deixando inclusive o caminho aberto para que o pai estabeleça um vínculo, com a mediação das necessidades maternas. Assim, podemos dizer que cabe ao pai proporcionar um espaço em que a mãe e o bebê, possam estabelecer uma relação suficientemente boa com o intuito de que o bebê consiga nutrir-se da mãe, estabelecendo uma relação forte e podendo compreender o que será responsável por aquilo que é dele (Eu), daquilo que não faz parte de si, que não constitui, o não-eu.

Já na fase de concernimento, observa-se que há uma preparação da criança para a fase edípica. Desta forma, a criança tem na figura paterna uma perspectiva de que este outro que complementa o ambiente além da mãe também, é detentor de ordens. Já impõe determinadas regras, porém não são tão contundentes diante da perspicácia da castração edípica. Por um outro lado, o pai também é a figura que apresenta uma segurança de fantasia com o ato sexual realizado com a mãe. Assim o bebê compreende que há nessa relação estabelecida um alvo saudável para que futuramente, na fase edípica, possa resolver o *problemas das relações triangulares*. (WINNICOTT, 2009, p. 129)

Por fim, na fase edípica, a criança poderá colocar a vivência de fantasia concebida até a fase do concernimento e então, partir para a autonomia. Para tanto, a figura paterna torna-se uma alternativa afastada da mãe cujo colo torna-se sufocante, assim como também figurará a figura de uma “*ação concreta de proteção, intervenção e sustentação das relações familiares*”. (ROSA, 2009, p. 84). Desta maneira, observa-se que as figuras objetais no entorno da criança concebem que todos aqueles que complementam seu ambiente possuem, ou deveriam possuir uma condição de pessoa total. Total no sentido de concretizarem o ato sexual e total de possuírem o poder de conseguir estabelecer um mínimo de força para que a estrutura familiar possa ser constituída. Mesmo assim é necessário que se estabeleça uma figura que impede o menino de realizar as fantasias de desejo para com a figura materna (ROSA, 2009), mas de tal maneira que o menino possa compreender quais são as limitações de sua potência: sendo assim, sem a figura interventora do pai diante da possibilidade da realização das fantasias da criança, a

criança torna-se impotente (ROSA, 2009). O que cabe para este momento é uma potência de castração que está a ser criada e testada pela dupla pai-menino. (WINNICOTT, 1990, p. 73)

No caso da menina, o pai vem a figurar como alguém a ser procurado: a paixão que faz com que fisicamente a menina rompa com o colo materno e procure nesse terceiro a figura em busca da concretização da fantasia da cena primária. Todavia, Winnicott compreende a situação freudiana edípica e salienta que o pai ainda é vital, pois precisa tornar aquela que lhe manteve em colo como rival (WINNICOTT, 2014, p. 132)

Desta maneira, observa-se que a figura do pai é importante para o estabelecimento do eu do sujeito: além de se tornar a terceira figura, dá vida a um ambiente além da mãe. A concepção winnicottiana de ambiente ganha força quando a figura paterna oferece a base de estruturação desde os primeiros meses de vida do bebê, sendo uma figura que fortalece as leis mantidas pela figura materna e possibilita o prosseguimento para que haja continuidade na estrutura familiar saudável, conduzindo a criança ao Complexo de Édipo em si. Sendo assim, o pai tem a função de conduzir os controles da sustentação da sexualidade da criança, mantendo nesta relação, uma estabilidade das ansiedades e emoções provocadas por este momento, rumo à fase genital.

3) Compreendendo o estabelecimento da função paterna na contemporaneidade.

Viu-se, anteriormente, que a função paterna ganha novos significados na construção da ideia de paternidade. Num primeiro momento, constatou-se que, em Freud, ao pai cabe a responsabilidade de ser a base para a constituição do sujeito, sendo a experiência edípica aquela que estruturará a psique humana. Nesse sentido, o pai representa a figura de autoridade que gera nos filhos sentimentos inconscientes de amor e ódio resultando na internalização do padrão de regras, na forma de superego, resumindo a relação de autoridade entre pais e filhos. Winnicott, por sua vez, amplia a concepção freudiana da ação do pai na relação triangular e a antecipa para o nascimento da criança, ou seja, o pai ganha visibilidade nos primeiros momentos de vida da criança ao dar suporte para a relação mãe-bebê, representando, assim, a terceira figura com quem o bebê se identificará e viverá, posteriormente, o conflito edípico.

Assim, pode-se perceber que cada um dos autores apresenta uma compreensão do papel do pai na constelação familiar e, conseqüentemente, na organização psíquica do indivíduo.

Destacou-se que o padrão de família compreendido pelos autores dá a tônica para as suas elaborações conceituais acerca da noção de pai e sua função no desenvolvimento psíquico do indivíduo. A fim de compreender como, no tempo atual, o sujeito se constitui a partir das relações que se estabelecem na constelação familiar em que vive, apresentar-se-á, a seguir, as possibilidades das teorias anteriormente discutidas para pensar no papel do pai nas novas configurações familiares.

a) Breve posicionamento histórico da elaboração da noção do papel do pai em Freud

Elizabeth Roudinesco, em seu livro *Família em desordem* ressalta que o constructo do pensamento paterno se dá em torno de uma figura de poder, como detentor do poder e da lei – aquele que seria o núcleo controlador da família, integrante importante para que as relações edípicas pudessem ser estabelecidas: um pai que representa *a lei da aliança, da consanguinidade proibida, do pai soberano, em suma, para convocar em torno do desejo toda a antiga ordem do poder.* (ROUDINESCO, 2003 p. 93),

Roudinesco (2003) ressalta a ideia de que a função paterna está estabelecida em sua soberania perante a família, estabelece-se um processo familiar de poder. Freud entende que o processo edípiano dá-se por meio de uma relação de comando, onde o pai encontra uma figura com quem deverá rivalizar – o filho. Sendo assim, como o pai desempenha uma função de liderança perante a família, e caberia a ele o papel de romper com qualquer ameaça que o tire de sua posição:

Nos casais jovens e mais felizes, o pai se dá conta de que o bebê, sobretudo se for um menino, transforma-se em seu rival, o que vem a constituir o ponto de partida de um antagonismo para com o favorito, que está profundamente arraigado no inconsciente. (FREUD 1910/2006, p. 123).

Sendo assim, depreende-se que tanto a noção do complexo de Édipo e da função paterna dão vozes às situações próprias do período em que foram construídos: um espaço em que o pai controla e conduz o sujeito entre o amor e o ódio como discutidos no início deste artigo.

b) Breve posicionamento histórico da formulação da noção da função paterna em Winnicott

Donald Winnicott realizou a maior parte de seus estudos entre as décadas de 50 e 60 do século XX. O cenário desta época difere-se do de Freud o que pode ser entendido como um fato importante para compreender a concepção do autor a respeito do papel do pai na organização e dinâmica familiares.

Segundo Roudinesco (2003, p. 104), a estrutura familiar que acompanha este período passa por uma reestruturação. Há uma diversidade de tarefas a serem cumpridas as quais, compreende-se, acabam dissolvendo a estrutura patriarcal, passando, assim, a dar outra dimensão a figura do pai como abordado anteriormente. Viu-se, com isso, que há uma reestruturação da figura paterna no processo familiar onde o modelo rivalizante descrito por Freud pôde ser revisitado por Winnicott ampliando, a partir das suas ideias, a noção do papel do pai na estruturação do psiquismo humano.

Os estudos de Winnicott mostram que a paternidade dá contornos a vida do sujeito desde o seu nascimento, colaborando para o reforço da relação mãe-bebê, o que difere das ideias freudianas, já que Winnicott ressalta a existência da coparentalidade (ROUDINESCO, 2003, p. 105) desde o princípio. Assim, o pai ganha novos afazeres, participa na formação da constituição da autonomia do sujeito.

Desta forma, compreende-se que Winnicott concebe a família com funções definidas, o equilíbrio das atividades da mãe e do pai acaba sendo o norteador para o desenvolvimento do sujeito. Assim sendo, o pai ganha forma maleável, ou melhor, é uma figura que está além da mãe, mas que preserva a autoridade que nela foi confiada até o momento em que a criança precisou desta para a estruturação do seu Eu. (ROUDINESCO, 2003, p. 108)

Percebe-se, portanto que constructo pensado por Freud e Winnicott são modelos que respondem ao momento em que eles foram concebidos, mas não podem ser considerados únicos, dado que a variação nas figuras parentais sempre existiu, o que não descaracteriza em qualquer momento que haja ali uma desvirtuação na formação do sujeito. O que ganha aqui é um espaço onde outras figuras venham a desempenhar funções que lhes competem dado o momento que eles vivem.

Assim, conhecer a tradição psicanalítica na qual se inserem a obra de Freud e a de Winnicott possibilitou identificar que todo o texto produzido pelos autores pertence a manifestação do momento histórico do seu processo de criação. Realizar a análise da literatura a partir dessa perspectiva permite a compreensão efetiva do projeto dos autores estudados e do sentido original de suas formulações. A partir disso, e para os propósitos deste artigo, cabe interrogar como essas referências ajudam na compreensão do papel da família na formação do psiquismo humano nos tempos atuais.

c) A estrutura familiar contemporânea: limites e possibilidades teóricas acerca da noção da figura paterna

A formação básica familiar estabelecida na tradição pai-mãe-filho, tal qual fora estudada por Freud, é uma das formas de organização de família que se apresenta na sociedade atual. Tecer um conhecimento que focalize apenas este padrão pode levantar a hipótese de que todos aqueles que estão fora do que fora socialmente previsto como normal e que coloque a figura paterna além de um posicionamento estabelecido como comum torna inviável qualquer tipo de estudo que amplie os conceitos tanto da função paterna quanto da estrutura familiar.

Nos tempos atuais, a configuração familiar que foge aos padrões estabelecidos historicamente ganha visibilidade. Tem-se famílias formadas por pais homoafetivos, avós e netos, pais separados e guarda compartilhada, enfim, uma gama diversa de configurações familiares que passa a dividir espaço com a família nuclear formada pelos pais e filhos. Nayara Oliveira em seu livro “Recomeçar: família, filhos e desafios” destaca que a diversificação familiar produz uma série de problemas porque não corresponde a ideologia de família vigente e, em razão disso, precisam enfrentar os embates que se apresentam cotidianamente: *Essas novas famílias estão cada vez mais presentes e começam a ter visibilidade, pois fazem parte do cotidiano das pessoas e não podemos negá-las. Apesar de fazer parte do cotidiano das pessoas, não podemos afirmar que são socialmente aceitas, pois o embate entre a realidade e a ideologia existente não permitiu ainda sua superação por toda a população.* (OLIVEIRA, 2009, p.70)

A respeito da compreensão de não serem socialmente aceitas, a autora destaca que sempre o modelo familiar originado de uma união estável com filhos dá voz àquilo que torna-se

o bom. Desta maneira, é mais simples que a compreensão sobre a família tenha um conceito padronizado. Aliás, é até mesmo possível que se compreenda que tanto Freud quanto Winnicott trabalharam com conceitos de família que podem existir até os dias de hoje. Porém, deve-se compreender que eles são partes de um todo.

Desta maneira, pode-se entender que é fundamental lançar perspectivas singulares para cada uma das famílias e às situações que as cercam, assim como compreender que a função paterna, diante dessa realidade, passa a assumir feições outras que não aquela determinada por um tipo especial de família. Disso decorre a ideia de que não é mais, apenas, o homem que cumpre tal função. Acerca deste pensamento da construção familiar e de um novo posicionamento da figura paterna, descreve Lisette Weissmann (2015, p.281) que os olhares a serem lançados para a atual constituição familiar deve ter caráter plural, procurando compreender a diversidade familiar.

Desta forma, ao empreender um estudo sobre o posicionamento acerca da família monoparental, a autora entende que a configuração não tem seu lugar estabelecido num único modelo, como já visto na citação anterior. Mesmo assim, ela consegue criar um posicionamento para essa figura paterna que se concebe na atualidade: alguém que não seja realmente o pai preestabelecido naquele ambiente, mas sim, um terceiro qualquer que configuraria a responsabilidade de estabelecer um vínculo que está além da relação mãe-bebê e estabelecido a partir daquilo é disposto e necessário pela mãe.

Winnicott, segundo Rosa (2009) ultrapassa a sua própria posição e apresenta a situação em que o pai realiza, em determinados momentos, o papel da mãe. Esta situação é denominada por Winnicott de *elemento feminino puro*, em que o sujeito utiliza de suas experiências primitivas com sua própria mãe para que ele possa adentrar, quando necessário, na substituição da mãe.

Rosa (2009), Weissman (2015) e Roudinesco (2003) deixam claro que estudos acerca da estrutura familiar e da função paterna estão em aberto. Sendo assim, tomar a função paterna em Freud, como em Winnicott, é extremamente necessário para compreender as variações histórico-sociais pelas quais passaram cada um dos psicanalistas. Todavia, são utilizados como suporte de um estudo maior, em que a sociedade que reconstrói o conceito de família, reposiciona de maneiras múltiplas a figura do pai e tem claro, que independente deste

reposicionamento que é proporcionado, um sujeito constituir-se-á, psiquicamente falando, independente da maneira como a família se organiza em sua estrutura.

Diante do que foi esboçado fica a pergunta para ser respondida em futuras pesquisas: cabe a psicanálise observar apenas os sujeitos em modelos prontos, como se a família ideal do século XXI ainda fosse possível de ser construída?

Resultados

A intenção de pesquisa deste trabalho foi a de investigar, por meio da literatura sobre o assunto, sobre o papel do pai na constituição psíquica do indivíduo na contemporaneidade. Evidenciou-se que não há como conceber o estudo da figura paterna na contemporaneidade sem entender que a atuação do pai no grupo familiar varia conforme o contexto cultural e histórico considerando, portanto, que a estrutura e a dinâmica da família modificam-se historicamente ao longo dos tempos.

Em Freud, evidenciou-se que este autor entende o pai como o personagem central da família nuclear cuja função é o de apresentar a cultura ao filho. Winnicott, por sua vez, compreende que a função paterna está além desta condição, tendo em vista que o pai está presente para que o vínculo mãe-bebê possa ser realizado de maneira que o desenvolvimento de sua autonomia seja dado da melhor maneira possível: É o pai, para Winnicott, a outra figura que está disposta para a continuidade do desenvolvimento do sujeito junto à mãe, estabelecendo vínculos e regras, para que possa passar de maneira fortuita para a fase de latência.

Entendeu-se, com a discussão acerca da noção do complexo de Édipo, que o pai assume um papel fundamental no drama edípico e, conseqüentemente, na constituição psíquica do sujeito. Ressaltou-se que, embora esta discussão tenha como referência de família a nuclear burguesa, faz-se necessário compreender que esta configuração familiar é diferente das formas de organização de famílias que se apresentam na contemporaneidade. Desta maneira, coube ponderar que o estudo das obras de Freud e Winnicott foi realizado considerando os seus propósitos específicos e o clima histórico de seus tempos o que permitiu, neste trabalho, não generalizar as famílias que ambos conceberam nas suas análises, mas refletir acerca das

possibilidades das suas ideias para anunciar uma perspectiva de leitura a respeito da formação psíquica do indivíduo independente da organização que a família assume nos dias atuais.

A leitura do conflito edipiano traz para o primeiro plano a presença fundamental do Outro na constituição do sujeito, porém os seus estudos permitiram, neste estudo, trabalhar com a ideia de função e, assim, depreender que o que está em jogo na formação psíquica do indivíduo não é a presença concreta do pai, mas a função que este, ou aquele que assume os cuidados da criança, desempenha. Considerou-se, finalmente, que esta perspectiva de leitura anuncia a atualidade das teorias desses autores.

Referências

Demo, P. (1994). *Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Freud, S. (2006). Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua infância. In: *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 67-142). Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

_____. (2006). Totem e Tabu. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIII, pp. 13-168). Edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).

_____. (2006). Psicologia de Grupo e análise do ego (1921). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 79-156). Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).

Oliveira, N.H.D. (2009). *Recomeçar: família, filhos e desafios*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica.

Rosa, C. D. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. In: *Natureza Humana*. (pp. 55-96).

Roudinesco, E. (2003). *A família em Desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.

Salas, E. (1991). Resenha bibliográfica sobre paternidade. In: A. Aberastury; E. Salas.. *A paternidade: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Silva, J. M. (2007). *O lugar do pai: Uma construção imaginária*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Weissmann, L. (2013). *Famílias monoparentais: um olhar da teoria das configurações vinculares*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D.W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1993). *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2014). *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: LTC.